
Mestres em resistir: corpos marginais juazeirenses além dos estigmas midiáticos¹

Eduarda Vitória Romão dos SANTOS²

Elane Abreu de OLIVEIRA³

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

Propomos discutir a (in) visibilidade de corpos marginais que residem na cidade de Juazeiro do Norte, com enfoque no bairro periférico do João Cabral. Em virtude dos estereótipos marginais, as dinâmicas culturais do local são mascaradas por representações midiáticas excludentes. Sendo assim, o objetivo desse artigo é abordar a cultura do reisado existente no bairro, através de movimentos da cultura popular e dos corpos que neles atuam. A metodologia parte de referências bibliográficas e se desenvolve com entrevistas realizadas com os brincantes e mestres de reisado, Antônio Evangelista e Raimundo Evangelista, além do material documental referente a eles. Sendo assim, a arte do reisado se apresenta como forma de resistência e manifestação criativa das periferias, que buscam viver e comunicar-se para além do midiático hegemônico.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia; Margem; Reisado; Resistência; Juazeiro do Norte.

INTRODUÇÃO

Situado no interior da região do Cariri, identificado como espaço popular originalmente periférico, o João Cabral, além de populoso, é marcado pela vulnerabilidade social e representações de precariedade. Relatos de moradores do local não divergem dos casos de violência e falta de segurança do bairro, o que traz à tona o medo, que torna o bairro potencialmente alvo dos estigmas sociais.

Dessa forma, a *Cariri Revista* em reportagem publicada em julho de 2017, intitulada “Quem tem medo do João Cabral?”, provoca suas leitoras e leitores a repensar alguns estigmas. Traz a personificação do bairro como uma alma tipicamente interiorana, nordestina e brasileira, o que nos chama à reflexão sobre o que ali existe

¹ Trabalho apresentado no IJ06 – Interfaces comunicacionais, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação do 4º semestre do Curso de Jornalismo do IISCA-UFCA, e-mail: eduarda.santos@aluno.ufca.edu.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do IISCA-UFCA, doutora em Comunicação e cultura pela ECO-UFRJ, e-mail: elane.abreu@ufca.edu.br

para além dos estereótipos arraigados: o de um bairro perigoso, violento, marginalizado. Essa terra de conflitos de representação, como é vista na reportagem, é repleta de ambiguidades, pois, por um lado, encontra-se a realidade do crime, da insegurança e do descaso do governo, mas, por outro, carrega o título de “celeiro da cultura”, atuando como potência cultural que transforma realidades.

Além das desigualdades estruturais, leva-se também em conta o papel da mídia hegemônica, detentora de controle ideológico e, portanto, formadora de opinião de massa. Os discursos midiáticos são contribuintes de um julgamento desigual dos indivíduos e atribuem o adjetivo estigmatizante de “marginal” referindo-se a “bandidos” por estarem alocados em espaços desvalorizados. Esses atributos evidenciam a exclusão desses sujeitos e os espaços desfavorecidos histórico e socialmente, que, em virtude das condições que lhes designaram, foram “marginalizados”, não sendo então sujeitos desse processo, mas assujeitados.

Por outro lado, no João Cabral, a cultura do reisado se mostra de forma criativa e própria, como uma expressão de resistência e uma alternativa que se opõe à vida do crime, configurando um outro conceito de “margem” e “marginal”, que esboçaremos a seguir. Os sujeitos brincantes e mestres do reisado inauguram um novo momento em que a vida cotidiana é atravessada por outros referenciais, responsáveis pela construção de espaços contra-hegemônicos e que comunicam estéticas invisibilizadas pelos discursos midiáticos estigmatizantes. Nossa aproximação aqui será com dois desses mestres: Antônio Evangelista e Raimundo Evangelista.

1. A margem também é corpo e cidade: uma abordagem teórica

Em compreensão de senso comum, estar à margem compreende a condição de oprimido, em que se aplicam diferenças de gênero, classe, raça ou território, já que o centro se estrutura por forças hegemônicas - e opressoras - advindas da herança colonialista. Sendo assim, essa dicotomia margem/periferia e centro é o que impõe a marginalidade à condição de opressão. Isso, entretanto, não impede que haja inter-relações entre estas espacialidades, já que estar na margem é fazer parte do todo, mesmo que estando fora do corpo principal (hooks, 2019).

Sobre essa centralidade, nota-se que a participação de sujeitos periféricos não ocorre de forma integrada na sociedade, visto que esses corpos marginais atuam como

subalternos, pois raramente são incluídos o conhecimento e a conscientização desses sujeitos; pelo contrário, há o silenciamento (hooks, 2019). Romper com essa forma de opressão é romper com o discurso hegemônico e, conseqüentemente, combater os estigmas que nascem desse mecanismo de controle, que hierarquiza pessoas e grupos a partir de parâmetros do que seja normal ou desviante nos padrões impostos pelo centro.

A cidade, no entanto, é entendida como o lugar central da civilização, sendo o espaço que nos aproxima dos países e culturas mais “desenvolvidas” e “civilizadas”. Por isso, inevitavelmente, reproduz o caráter colonial e modernizar-se significa sustentar a colonialidade, o desejo mal sucedido de ser o outro dominante, externo (IBANEZ, 2016), do que se infere que culturas que estão à margem atuam como resistência para contrapor essas estéticas de caráter supremo.

Em outras palavras, como versa Coutinho em *A comunicação do oprimido* (2014), entre o poder e a força, a coerção sobressai. Com isso, a mídia, detentora desses processos de coerção, extingue as verdades contidas nas falas dos grupos subalternos gradativamente (COUTINHO, 2014), ocasionando silenciamentos. Além disso, a expressão “marginal” no discurso midiático representa o povo a partir de uma perspectiva elitista, naturalizando uma imagem negativa dos que vivem nos guetos (COUTINHO, 2014).

É nesse espaço de desamparo coletivo e de estigmas e preconceitos que a criatividade e a imaginação de corpos periféricos se encontram em risco. A liberdade desejada é perdida e o pensamento que resiste a essa forma de violência luta por forma de expressão (hooks, 2019). Os espaços contra-hegemônicos atuam para não perpetuar posturas estigmatizantes; do contrário, legitimariam espaços periféricos como assujeitados e passivos. A resistência é uma característica da marginalidade.

Desse modo, é percebendo como tais formas de poder e opressão operam e investigando o conceito de marginalidade, que pensar em periferia, cada vez mais, é pensar em participação do direito à cidade e à liberdade (HARVEY, 2010). É também reconhecer a potência que espaços não hegemônicos carregam em existir, tanto para tornar o imaginário periférico muito mais complexo, como para se opor à ideia de representações midiáticas excludentes. Desse modo, existir como corpo marginal é também mover-se como político, e, portanto, tornar sua permanência na linha de frente uma necessidade de afirmação de contra-hegemonia.

Nesse viés, para contrapor a visão elitista, cabe mencionar a capacidade particular das cidades de serem criativas (MENDES, 2010) e, da mesma forma, atribuir o papel dos espaços periféricos nesta realização, visto que o direito à cidade “não é apenas um direito condicional de acesso àquilo que já existe, mas sim um direito ativo de fazer a cidade diferente, de formá-la mais de acordo com nossas necessidades coletivas, definir uma maneira alternativa de simplesmente ser humano” (HARVEY, 2010, p.33).

(...) o direito à cidade é um grito, uma demanda, então é um grito que é ouvido e uma demanda que tem força apenas na medida em que existe um espaço a partir do qual e dentro do qual esse grito e essa demanda são visíveis. No espaço público - nas esquinas ou nos parques, nas ruas durante as revoltas e comícios- nas organizações políticas podem representar a si mesmas para uma população maior e, através dessa representação, imprimir alguma força a seus gritos e demandas (HARVEY, 2010, p. 33).

Assim, sujeitos subalternos expressam o seu “grito” por meio de manifestações culturais artísticas e periféricas à diferença do discurso hegemônico, que condena pelo olhar excludente e perpetua a ordem da centralidade territorial. Isso nos faz pensar que a cidade nos move, nos atravessa e é atravessada por diferentes territórios e culturas. A voz das ruas e as expressões dos corpos marginais comunicam estéticas invisibilizadas.

Continuamente, como diz Mendes (2010), no subúrbio se configuram os mais elevados valores de marginalidade, segregação, anomia social e déficit de cidadania, tendo uma imagem que revela existência precária enquanto “espaço político”, de participação cívica e social, se comparado com a condição de qualificado, típico, heterogêneo, diferente, cosmopolita ou “verdadeiramente urbano”, associada ao centro.

Imaginar uma cidade mais inclusiva é pensá-la como alternativa, mesmo que continuamente fracionada, baseada em práticas político-econômicas, direitos individualizados, com dignidade devida a todo ser humano, liberdades de expressão e o direito à inclusão e à diferença (HARVEY, 2010). As desigualdades socioespaciais possibilitam uma visão segregacionista da cidade, que é bem estruturada. Assim, a marginalidade se refere a espaços que marcam encontros corporais e, estes, por sua resistência, comunicam outra imagem da cidade. As questões urbanas são espaciais e imagéticas; nisto corporalidade e espacialidade assumem o papel de formadores de imagem, que neste caso é urbana e reconfigura o espaço. Corpos marginais são também corpos-malandragem com seus significados próprios (RATTS, 2009).

O corpo conquista o espaço e ele nos mostra realidades. Com aspectos simbólicos, o corpo transpõe o olhar urbano e, também, marginal. Por conseguinte, “eis que o gesto estético se transforma em dispositivo de denúncia social, ao tornar visíveis as identidades que estão à margem do processo de urbanização das cidades atuais” (CARVALHO e MARIANI, 2017, p. 924).

À vista disso, tendo as ruas como espaços de práticas sociais e de manifestações artísticas, corpos assumem a função social de ressignificar esses espaços, inscrevendo neles identidades e memórias (CARVALHO e MARIANI, 2017), sendo estas reprimidas e silenciadas quando envoltas numa imagem subalterna. Sendo assim, a partir de uma pesquisa exploratória dos espaços marginais do Juazeiro do Norte e na qual esse arcabouço teórico está alinhado, encontramos, como forma de manifestação criativa e de representatividade contra-hegemônica, o reisado.

Na região do Cariri, o reisado faz parte da tradição nordestina que mistura a fé com a história e o imaginário populares. O sertão do Cariri é um celeiro de mestres da cultura e grupos de reisado e, em especial no período dos festejos, realizam inúmeras apresentações que encantam os caririenses, turistas e romeiros (BARROSO, 2008). Com seus trajes enfeitados de lantejoulas, fitas e chapéus de variadas formas, os brincantes mesclam as coroações que aconteciam na Angola e no Congo com os episódios bíblicos cristãos, trazendo um misto de ancestralidades étnicas e multiculturalidade para a região do Cariri.

No contexto, como sugere Ferron (2008 *apud* ROCHA, 2004), “o excluído da sociedade assume uma nova postura: de objeto, para sujeito do discurso. Ele inaugura um ponto de vista renovado sobre a miséria e a violência, pois, diferente do olhar da ideologia dominante, não se trata de conciliar as diferenças sociais, mas de evidenciá-las”. (ROCHA, 2004.p.3).

Segundo afirmam Bourdieu e Passeron (2013), o arbitrário cultural trata-se de uma construção social que perpetua a dominação de um dado grupo promovendo uma cultura como sendo melhor em detrimento da negação e inferiorização das demais. Na prática, essa construção social é responsável pela exclusão das minorias e dos menos privilegiados. Sob essa ótica, por meio de práticas socioespaciais dos mestres de reisado e “por meio da arte, da disputa das narrativas, os sujeitos coletivos enfrentam o urbanismo criador de uma cidade legal e de outra marginal na busca por identidade,

autonomia, participação, direitos, para que a cidade exerça, sua função social” (CARVALHO e MARIANI, 2017).

Assim, uma visão que se fixe, única e exclusivamente, nesta perspectiva claramente dicotômica centro/periferia, corresponde na generalidade a uma imagem de preconceito social (MENDES, 2010). Dessa maneira, como forma contestatória e descolonizadora, personagens urbanos, por meio da cultura do reisado, são corpos minoritários com a sapiência e resistência de seus espaços, trazendo mudanças para onde se encontram, atribuindo outros significados às periferias urbanas.

Na prática do reisado, corpos marginais experimentam liberdade estética e comunicam suas formas de existir e, sob essa ótica, na liberdade estética marginal, eles atuam no exercício dos seus direitos à cidade e à sua subjetividade, o que torna tais espaços necessários, pois são neles em que a reconfiguração da cidade é acionada de maneira criativa, considerando que a invisibilidade é uma “elaboração sociocultural” (PEREIRA e GOMES, 2001).

2. Mestres em resistir: o reisado enquanto comunicação de outra cidade

A partir de pesquisas bibliográficas referentes à margem e marginalidade, alinhamos material documental e entrevistas realizadas com dois personagens que atuam de forma contra-hegemônica no bairro periférico João Cabral: os mestres de reisado, do grupo Reisado dos Irmãos, Antônio Evangelista e Raimundo Evangelista. Os brincantes trabalham com vários grupos de folguedos, como por exemplo: “A Guerreira”, “Santa Madalena” e “Maneiro Pau”, além de possuir dois grupos de quadrilha junina.

Atuantes há mais de 25 anos na área, ainda que acolham uma diversidade de públicos, a relação com o João Cabral se dá também por ser reconhecido como um bairro periférico com grande índice de criminalidade. Desse modo, Antônio e Raimundo são também responsáveis por acolher crianças em situações de vulnerabilidade social e econômica, inserindo-as em suas sedes para praticarem a cultura do reisado, com atividades como cantar, dançar, fazer trabalho manual, tocar pita ou tocar zabumba.

O bairro João Cabral ou “celeiro da cultura”, assim chamado pelos mestres e reconhecido pelos juazeirenses, carrega consigo histórias, memórias e tradição. No Reisado dos Irmãos, três gerações diferentes de uma mesma família brincam: irmãos,

filhos, netos, que escrevem a sua história e de seu povo. Segundo conta Antônio Evangelista, ao chegarem no João Cabral, eles acompanharam as mudanças que foram significativas para a construção de uma imagem estigmatizada, tal como a de bairro da “bandidagem”, como menciona:

Hoje o bairro se tornou celeiro da cultura, mas ele é considerado perigoso, porém quando chegamos aqui era um bairro calmo, mas a população foi crescendo, vindo de outros bairros, até se tornar um bairro perigoso. Até hoje a gente não tem inimigo, a gente faz amizade com os traficantes, faz amizade com todo mundo **(Antônio Evangelista em entrevista concedida em 25 de janeiro de 2021)**.

Dessa forma, lembramos a relação existente com a condição de oprimido, entre o poder e a força, fazendo sobressair a coerção, devido ao silenciamento de grupos subalternos, como se refere Coutinho (2010). Mas tal pressuposto não é um empecilho para os brincantes seguirem adiante em seu propósito. Segundo Antônio, “onde existe a força, existe a união e resistência”⁴. Isso nos remete à história do projeto que leva a compreender com mais afinco a sua expressão de resistência.

Segundo revela o mestre Raimundo, “em 1996 a cultura estava morrendo”, no entanto, a iniciativa de dar continuidade ao trabalho do seu mestre partiu do intuito de ajudar jovens e crianças a sair da criminalidade e da violência. Foi então que surgiu o projeto “Admirável Trupe”, criado na gestão de Mauro Sampaio, prefeito da cidade na época, para atender a população infantojuvenil a fim de tirá-la da rua e também inseri-la no reisado.

Então, criava uma puma que era eu, meu irmão, psicólogas e algumas pessoas que trabalhavam lá dentro do Admirável Trupe, a gente ia lá pros sinais tirar criança de rua. Aquelas que não tinham colégio a gente ia fazer matrículas. Elas passavam meio expediente com a gente e meio expediente na escola **(Raimundo Evangelista em entrevista concedida em 25 de janeiro de 2021)**.

Embora o projeto não tenha tido continuidade, os polos de atendimento continuaram ativos, passando a receber o nome de “CRAS” (Centro de Referência de Assistência Social), funcionando até hoje, como ocorre no bairro João Cabral. Nesse polo, é por meio do reisado que a população do bairro tem a oportunidade de se aproximar do mundo da arte assim como contribuir para a permanência da cultura local. Nesse ínterim, os brincantes, discípulos de Mestre Pedro, que atuam há 25 anos no

⁴ Entrevista concedida em 25 de Janeiro de 2021 por Whatsapp

local, são exemplos de corpos contra-hegemônicos no território do Cariri, sendo reconhecidos como tesouro vivo desde 2004.

A escola de artes Admirável Trupe é uma escola de Artes e Ofícios. Ela foi levada por todos os bairros do Juazeiro, como o bairro do Horto, Timbaúba e o Frei Damião, mas primeiro o João Cabral. Então, era o que a gente fazia: tirar a criança da rua e levar para dentro do Admirável Trupe. Essa foi a ideia criada para todos os bairros nas ruas de Juazeiro e o João Cabral participa há 24 anos do Admirável Trupe (**Antônio Evangelista em entrevista concedida em 25 de janeiro de 2021**).



Figura 1: Reisado dos Irmãos no Horto do Padre Cícero em Juazeiro do Norte.
Fonte: Acervo do Reisado dos Irmãos, 2016.

Ainda sobre a relação do bairro com a vida dos brincantes, mestre Antônio também menciona que: “a gente se apaixonou muito por aquelas crianças e hoje a gente tem esse bairro dentro do coração”.⁵ Tal pensamento retoma o que menciona Harvey (2010), quando pontua que o direito à cidade é um direito ativo de fazê-la diferente e de formá-la de acordo com as necessidades coletivas, mas também de acordo com o desejo de seus cidadãos, reconfigurando o espaço. Ao revelar a importância do reisado para designar o futuro de diversas crianças e jovens que residem no João Cabral, os

⁵ Entrevista realizada em 25 de janeiro de 2021, por Whatsapp.

brincantes promovem a oportunidade não só de retirá-las da criminalidade, mas de garanti-las o direito à própria cidade, à educação, à inclusão e sobretudo à cultura.

O trabalho social e criativo dos mestres é revelador do desejo de criar alternativas para contornar e romper com os estigmas sociais e a desvalorização dos modos diferentes de existência e expressão, da mesma forma que se referem Carvalho e Mariani (2017), ao dizerem que, quando sujeitos marcam sua presença e resistência na cidade, criam-se novos moldes de constituição identitária e de práxis espacial, sendo uma forma de dar visibilidade às desigualdades sociais.

À respeito disso, vemos a dicotomia centro-periferia na fala do mestre Antônio ao dizer que “viajar, conhecer o país e voltar para o nosso Juazeiro contando tudo que passamos lá fora, de bom ou ruim, é uma tradição e importante pra nós”.⁶ Essa relação entre espacialidades retoma a noção de centralidade e subúrbio, explicada por Mendes (2010), sendo a primeira, diferente e cosmopolita, “verdadeiramente urbana”; e a segunda, precária e marginal, porém não impedindo que as duas dialoguem entre si. Destacamos, então, um pensamento importante, além da dicotomia: estar na margem é fazer parte do todo, mesmo que estando fora do corpo principal (hooks, 2019). João Cabral e seus mestres são expressões da margem que resiste.

No que tange às desigualdades socioespaciais que trazem uma visão segregacionista da cidade, uma vez referida por Harvey (2010), a relação de corpo e cidade é percebida no reisado do bairro. O corpo conquista o espaço e mostra as realidades, lembrando Carvalho e Mariani (2017), transpondo e comunicando o olhar urbano e também marginal. Sendo assim, a manifestação crítica e cultural da prática do reisado se transforma em dispositivo de transformação social ao tornar visíveis as identidades que estão à margem do processo de urbanização das cidades atuais.

A marginalidade aqui vista no João Cabral se refere ao encontro do bairro com seus corpos, em exercício também de suas criatividade, comunicando outra imagem da cidade, que resiste. Assim, os corpos marginais dos mestres têm também significados próprios, são corpos-malandragem (RATTS, 2009).

Ratts (2009), no quesito corpo/espaço, menciona que essa relação demarca territórios pela identidade visual, pela estética corporal, pela música, pela linguagem e

⁶ Apresentação pública do Reisado dos Irmãos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E9DdJjpIspY>. Acesso em: 31 de jul. 2021.

pela cultura. Nessa lógica, a linguagem e a corporalidade dos brincantes emerge dessa relação, no diálogo, na convivência, no modo de ser e estar em seu cotidiano, em sua dança, suas vestimentas e com seus familiares. Assistir e prestigiar o reisado é vivenciar ancestralidades, misturas étnicas; é ver sujeitos muitas vezes anônimos, cheios de história e resistentes, já que “poucos protestam, poucos dançam” (RATTS, 2009, p.100).

A diversidade de cultura encontrada no bairro João Cabral, a qual lhe atribui o título de “celeiro da cultura”, não só contribui para a preservação da tradição desse patrimônio imaterial, mas também faz parte do dia a dia e da trajetória da vida pessoal dos mestres de cultura. O mestre Raimundo Evangelista ou simplesmente Raimundo, que atualmente mora no bairro Frei Damião, revela que “cultura é a coisa mais importante, tanto pra mim como para minha família”⁷. Pai de duas crianças, a sua vida se entrelaça à do reisado desde o Admirável Trupe até os dias de hoje; e o legado de mestre da cultura se estende para seus filhos, como menciona:

Eu tenho uma filha de 4 anos e outra de 8, e são direto dentro do grupo. Já vem do sangue mesmo(...) o reisado dos irmãos é como uma história grande da nossa vida, vamos continuar até ir para o outro mundo e queremos deixar isso pra algumas famílias, pros meus filhos, pra fazer o que a gente faz **(Raimundo Evangelista em entrevista concedida em 26 de Maio de 2021)**.

Portanto o discurso contra-hegemônico da marginalidade não se encontra apenas nas palavras, mas nos hábitos de existência e de vida, e essa marginalidade oferece a possibilidade de se ter uma perspectiva radical, a partir da qual se possa visualizar e criar, imaginar alternativas e novos mundos (hooks, 2019).

Nesse ínterim, a visão de cultura de Raimundo vai além do bairro e do território, fortalecendo as raízes familiares e coletivas na constituição também de identidade dos sujeitos periféricos. Antônio Evangelista, pai de três filhos, revela que o reisado, além de fazer parte do seu cotidiano e da sua família, contribui para a formação da sua identidade: “A cultura me mudou por conta do conhecimento, tive bastante conhecimento por fora. Então eu acho que o reisado me deixou uma pessoa mais carismática e feliz”⁸.

⁷ Entrevista concedida em 26 de Maio de 2021 por Whatsapp

⁸ Entrevista concedida em 26 de Maio de 2021 por Whatsapp



Figura 2: Reisado dos Irmãos no centro de Juazeiro do Norte

Fonte: Jhone Barros, 2019

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, foi possível ampliar o conhecimento sobre margem e marginalidade por meio de uma visão contra-hegemônica, identificando como protagonistas dessa empreitada os mestres de reisado Antônio Evangelista e Raimundo Evangelista, que atuam no bairro periférico João Cabral, em Juazeiro do Norte. Para que esse trabalho não se limitasse à teoria, buscou-se, junto de uma pesquisa bibliográfica e material documental, ouvir as vozes desses corpos subalternizados que estão no campo de frente da problemática.

Pode-se chegar, assim, a algumas conclusões: 1) a arte do reisado é um meio de expressão resistente e não hegemônico, que outorga aos corpos marginais experimentarem liberdade estética e comunicarem suas formas de existir e disseminar a tradição cultural da sua região; 2) o trabalho social dos mestres se mostra como (in) visibilidade resistente e necessária para contrapor o discurso segregador e europeizante; 3) a arte periférica também é uma forma de denúncia e possibilita a transformação social, revelando as inter-relações não-estancas entre centro e periferia; e 4) por fim, a

diversidade e multiculturalidade do bairro, acionadas como possibilidades representativas de uma periferia da cidade - João Cabral como “celeiro da cultura”- complexifica o bairro e sua imagem para além dos estereótipos impostos pela mídia hegemônica.

Nesse prisma, observa-se que, devido ao estigma da marginalidade atribuído a espaços que estão à margem dos centros - esses verdadeiramente urbanos e cosmopolitas -, há o silenciamento de vozes, histórias e formas de vida criativas das margens. O reisado como forma de vida tem sobrevivido aos estigmas, apesar dos desafios enfrentados nessa resistência. Ao mesmo tempo em que revela as desigualdades sociais, busca o seu direito à cidade, à liberdade de expressão e a alternativas para a subjetividade dos sujeitos subalternizados.

O trabalho dos mestres de reisado nos mostra a força e a persistência que ainda existem como forma de redefinir o futuro de gerações e preservar as raízes da cultura local em Juazeiro do Norte, cidade tão construída discursivamente pela mídia. A ideia de “celeiro” se torna cara quando associada às possibilidades expansivas da cultura e não limitada a partir de um bairro marginal. “Brincar” no reisado é também um exercício de estar na margem, com a resistência dos corpos malandros, comunicando uma outra história e rompendo imagens estigmatizantes das periferias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROSO, Oswald. **Reisado: um patrimônio da Humanidade**. Juazeiro do Norte, 2008.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Lean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Tradução de Reynaldo Bairão. 6a Edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

CARIRI REVISTA. **Quem tem medo do João Cabral?** Disponível em: <<http://caririrevista.com.br/sobre/>> Acesso em: 12 mar. 2021

CARVALHO, Claudio Oliveira; MARIANI, Carla Neves. **Escritas marginais nas ruas: expressões do direito visual à cidade**. Revista de Direito da Cidade, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3 Janeiro-Maio, pp. 912-932, 2017.

COUTINHO, Eduardo Granja. **A comunicação do oprimido e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Mórula, 2014.

FERRON, Janete. **Cidade de Deus: do malandro ao marginal.** XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências. USP – São Paulo, Brasil

HARVEY, David. A liberdade da cidade. In: HARVEY, David.; MARICATO, Ermínia. (Org.). **Cidades rebeldes.** São Paulo: Boitempo, 2013.

hooks, bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais.** Tradução de Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019.

IBANEZ, Marios Rodriguez. Resignificando a cidade colonial e extrativista. In: LANG, Miriam; DILGER, Gerhard; PEREIRA, Jorge Neto (Org.). **Descolonizar o imaginário.** Fundação Rosa Luxemburgo; Autonomia Literária; Elefante, 2016

MENDES, Luís. **Nobilitação urbana marginal enquanto prática emancipatória:** Alternativa ao discurso hegemônico da cidade criativa? Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 99 | 2012, colocado online no dia 04 setembro 2013, criado a 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/rccs/5112> ;DOI : 10.4000/rccs.5112.

PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. **Ardis da imagem: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira.** Belo Horizonte: Mazza Edições, Editora PUCMinas, 2001.

ROCHA, João César Castro. **Dialética da marginalidade: caracterização da cultura brasileira contemporânea.** Folha de São Paulo. São Paulo, 29 fev. 2004. Folha Mais!

RATTS, Alex. **Traços étnicos: espacialidades e culturas negras e indígenas.** Fortaleza: Museu do Ceará - Secult, 2009.